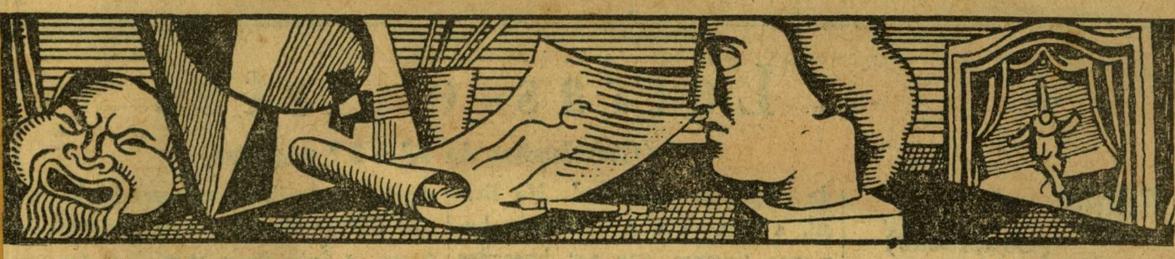


50/04/02
Mário Cayula
p. 5-6

02-07-50

13
SBH
P. 73 P. 14
1/2



O TEMPO E O VENTO

Sergio Buarque de Holanda

continua no verso do jornal

A propósito do livro mais recente do sr. Erico Veríssimo (*O Tempo e o Vento*, I. *O Continente*, Editora Globo, Porto Alegre, s.d.) não ousou explicar e menos ainda justificar meu desconhecimento quase total da obra anterior deste romancista. Confesso-lisamente, e com tanto maior ênfase quanto de sua leitura me ficou uma impressão das mais vivas que tive até agora diante de qualquer obra de ficção escrita por brasileiro.

Esse mesmo desconhecimento, talvez indefensável em quem se ocupa de nossa atual literatura, não deixa de acarretar importante desvantagem para o crítico. Como comentar devidamente a última palavra de um autor consagrado e fértil, quando se ignora parte apreciável de sua produção antecedente? Pois o juízo literário digno desse nome só se pode exercer com eficácia sobre uma obra quando é capaz de apreendê-la no contexto e na perspectiva histórica onde essa obra naturalmente se inscreve — “como continuação e desenvolvimento”, já o disse um crítico inglês pouco suspeito de historicismo: F. R. Leavis — e para ganhar essa perspectiva é preciso que se tenha em vista constantemente, como um sistema de referências, as proporções, as relações, os valores, que o autor preserva ou repudia. E qual o melhor guia para isso do que o próprio autor, encarado através de sua obra conjunta?

CONTUDO a maior desvantagem para alguns comentaristas viria, ao contrário, da singularidade deste romance, incomensurável, por mais de um aspecto, com outros escritos no gênero e que força quase a abordá-lo independentemente de qualquer referência. Caberia, como já o fizeram outros, considerá-lo um simples romance histórico? Sem dúvida no sentido, por exemplo, em que *Guerra e Paz* há de ser considerado romance histórico. Em um caso, como no outro, o pano de fundo pertence nitidamente ao domínio da evocação — evocação de experiências que o autor não pode ter vivido, mas absorveu através de livros e, se tanto, de a guma tradição oral —, embora a cena dramática seja quase sempre fictícia. Assim, o descobrimento do passado, que é missão do historiador, não constituirá estorvo, mas

estímulo, muitas vezes, para a arte do novelista, feita, esta, de invenção e de imaginação criadora.

Há um lado, todavia, por onde o último livro do sr. Erico Veríssimo não oferece termo possível de referência para esse ou qualquer outro romance mais conhecido. Neles, a evocação do passado cabe, em regra, na moldura de um episódio singular ou do indivíduo que viveu o episódio ou, quando muito, das gerações que mais de perto o acompanharam. Na generalidade dos casos, sucede que toda a trama novelística é abraçada no compasso de uma vida humana. Pode suceder ainda que envolva a crônica de uma família através de gerações sucessivas, subsistentes ao longo de fases históricas distintas ou contrastantes; nestes casos, porém, a estirpe não passa, em suma, de uma espécie de prolongamento, no espaço e no tempo, do simples indivíduo e de seu círculo imediato, erigido em eixo central da narrativa. E ainda aqui o lapso de tempo transcorrido da primeira à última geração dificilmente será tão longo que os sucessos não possam ser abrangidos por uma única testemunha ideal, vivendo durante aquelas diferentes fases.

A presença possível de uma tal testemunha parece fazer parte do sistema de leis tácitas a que os romancistas, mesmo os mais audaciosos, jamais deixaram de obedecer. Comparável por vários aspectos à unidade de tempo da estética aristotélica, serve entretanto para fornecer ao romance um núcleo mínimo de composição, uma inteligência central e uma plausível moldura, que não cabem nas formulações caprichosas nem nos regulamentos rígidos.

A singularidade do sr. Erico Veríssimo está em que no seu ambicioso plano não há lugar possível para essa espécie de unidade de tempo. Os sucessos transcorrem através de um período dema-

siado extenso — os duzentos anos da formação da sociedade riograndense, a contar do tempo das doutrinas jesuíticas e das invasões bandeirantes — para poderem ser englobados dentro daqueles limites estreitos. Se há aqui uma dessas testemunhas invisíveis, não pertence com certeza à raça dos mortais.

Pode-se pensar, a propósito, interpretando-a com liberdade, na observação de Mauriac, tão discutida ultimamente, de que o romancista se comportaria diante das suas próprias criaturas tal como Deus diante das Suas. Observação que, na forma originária, devia significar simplesmente o dom de onipresença do escritor de ficção, capaz de ver as personagens no seu exterior e também no seu íntimo. Mas que também se pode aplicar, de fato, à liberdade e irresponsabilidade sobre-humanas com que é lícito ao romancista mover-se em seu mundo e, no caso presente, àquela espécie de extralimitação que nos oferece o sr. Erico Veríssimo.

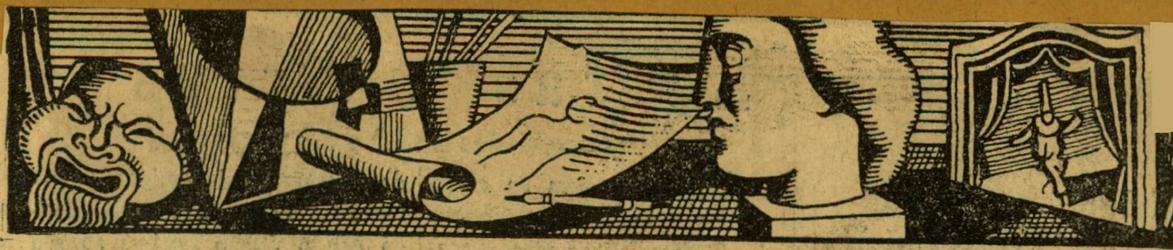
Não se dirá, por outro lado, que no livro do escritor riograndense prevaleça continuamente o ponto de vista de Deus, que as pessoas e as coisas sejam encaradas sob espécie da eternidade. A rigor o que nos apresenta ele é uma síntese histórica de vastas proporções, realizada com os recursos, com a forma e com a matéria de um romancista admiravelmente dotado. Mas reconstrução feita de um ângulo muito humano e, por vários aspectos, muito hodierno, onde as próprias personagens parecem, não raro, contemporâneas do autor, e nisto sugerem um pouco aquelas figuras antigas que os pintores vestiam segundo as modas e gostos da época em que eles mesmos viviam. Assim, um historiador metucioso poderia talvez estranhar que em princípios do século XIX

(Conclui na 6.ª página)

BAND

Otto Maria

PRETENDENDO fixar em discursos alguns dos seus poemas, Manuel Bandeira consultou, quando à seleção, os amigos. Insistiu, então, surpreendendo um pouco o próprio poeta, na inclusão da *Canção do vento e da minha vida*: “O vento varria tudo! — a minha vida ficava — Cada vez mais cheia — De tudo.”



O TEMPO E O VENTO - II

Sergio Buarque de Holanda

EM contraste com o tipo de romance que visa a oferecer sobretudo um documentário objetivo de temas e motivos regionais, pode-se dizer que o último livro do sr. Erico Veríssimo — *O Tempo e o Vento* — é antes do mais, e eminentemente, uma criação novelística. O cortejo dos fatos históricos está presente a todo momento, mas jamais avança até ao primeiro plano para atropelar o conteúdo propriamente romanesco, nem retifica o movimento livre do artista segundo as leis de um mundo já organizado e de rígidos contornos, para dar-lhe direção prevista e almejada.

A evocação do passado faz-se sempre por vias indiretas, segundo um sutil e quase invisível processo de seleção. Pedro Missioneiro não representa naquele cortejo a época e gente das antigas reduções senão porque proveio delas. Do dr. Winter, personagem que já pode pretender em

nossa literatura de ficção a um lugar insigne na mesma galeria de forasteiros letrados em que se inscreve o Meyer de Taunay e o Milkau de Graça Aranha, ninguém dirá que constitui figura verdadeiramente típica da velha colonização germânica. E nem do dr. Nepomuceno Garcia Mascarenhas, para só citar mais este exemplo, que possa resumir em si o modelo dos velhos magistrados nortistas destinados ao extremo-sul do Império: seria antes a exceção do que a regra.

Em nenhuma ocasião, o genérico, o representativo, a "fórmula" chegam a absorver o indivíduo particular, que é a verdadeira substância da arte da ficção. O painel da evocação histórica subsiste mais na atmosfera do conjunto do que na estudiosa elaboração de cada episódio. O romance completo, de que só existe publicado, por ora, este primeiro volume — *O Continente* —,

quer ser resolutamente um quadro amplo da formação da sociedade riograndense. Mas para chegar a isso não precisa da sobrecarga erudita e nem da rememoração exhaustiva. Se se propusesse a ser exaustivo, de um ponto de vista de puro historiador, como chegaria a explicar o sr. Erico Veríssimo a ausência naquele quadro de algum representante de um dos elementos humanos de mais decisiva importância no passado do Rio Grande, como é o caso do colono açorita, já que não deixou de incluir elementos de igual ou ainda menor significação — o índio das doutrinas guaranis, o padre missionário, o bandeirante, de São Paulo e da Laguna, o imigrante nórdico, o bacharel nortista? O fato é que, se recomendável de um ponto de vista de historiador, essa inclusão iria talvez desequilibrar a economia da ficção; exigí-la a qualquer custo seria escrúpulo próprio de cronista, não de artista. E o artista realiza afinal, sem embargo de tais omissões, o milagre, inacessível a qualquer simples cronista, de reconstituir plenamente a atmosfera histórica onde há de banhar-se o mundo que a imaginação criou.

NA economia da ficção, tudo quanto os casais ilheus levariam às nossas campinas do sul, suas virtudes sedentárias de morigeração, de tranquila diligência, de apêgo à gleba, já há, na verdade, quem encarne admiravelmente. E não entraria talvez uma ponta de contra-senso em se pretender ver personificada essa energia teimosa, resistente a todas as forças adventícias, imutável como o próprio solo onde se radicou e de onde se nutre, que apresentam os Terras do romancista, numa casta adventícia ela própria, e tangida através de longos mares por uma vontade que não foi apenas a sua? Quero crer que até a escolha do apelido atribuído à estirpe portadora dessas virtudes se terá inspirado — conscientemente? — no mesmo tipo de sugestão onomástica que levava Henry James, numa das suas novelas de mocidade, a batizar de Newman (o homem novo) a personagem que deveria representar o filho do Novo Mundo em seus contatos e conflitos com as prevenções, as tradições e os tortuosos requintes da aristocracia européia. Os Terras, assim como a própria terra onde moram, servem para constituir, em verdade, o princípio de permanência que irá garantir unidade convincente a todo o relato.

Contudo a sobrançeria silenciosa e obstinada que os caracteriza

(Conclui na 6.ª página)

09-07-50

Continua no verso

14

SBH

P. 73 P. 34

2/2



O Tempo e o...

(Conclusão)

não impede sua aliança com os Cambará, estes turbulentos, palradores, amigos do vinho, do violão, da aventura. E pode-se dizer que em volta das duas raças, por fim entrelaçadas, se desenvolve quase toda a trama do romance. Uns — os Cambarás —, de origem e rumo incertos, lembrando um pouco o bom gaúcho Martin Fierro, que vagueia sobre o mundo

arrastrado por el destino; procedentes, os outros, de cepa sorocabana, como um Bento Manuel, por exemplo, ou como um Pinheiro Machado; juntos exprimem, na realidade, em seus mesmos contrastes, os contrastes peculiares ao povo que ajudarão a formar.

DIFICILMENTE se há de dizer que em todo esse intercurso da ficção com a verdade histórica qualquer das partes deva ser a sacrificada. Uma simples amostra de utilização pelo autor da documentação do passado pode ser a esse respeito elucidativa. Segundo tudo parece indicar, para a descrição das ruínas das Missões, no trecho onde se trata da visita de uma das personagens, o dr. Winter, àquelas ruínas, serviu de principal fonte o livro clássico de Hemetério Veloso sobre os Sete Povos. Sabe-se que o pernambucano correu a região entre 1855 e 1886. Sua primeira visita deu-se vinte anos depois da data em que o romancista si-

tua a peregrinação do dr. Winter. Recorrendo aos pormenores notados atentamente pelo viajante, o romancista demonstra neste caso uma habilidade singular no manejo e seleção de tudo quanto possa aproveitar à narração. Ao falar, por exemplo, na igreja de São Miguel, referiu Hemetério Veloso como, em sua visita inicial, a torre ainda “conservava interiormente o compartimento de madeira que resguardava o maquinismo do relógio”, mas “a escada de madeira que para lá subia estava quase desfeita”. No romance conta-se (à página 381), como Winter tentou “subir ao alto da torre principal, onde se via ainda o maquinismo do grande relógio do templo — mas os degraus da escada do campanário cederam ao peso de seu corpo e partiram-se”. Vemos na elaboração como a personagem fictícia ainda pôde sentir a tentação de ir até ao alto da torre (o que seria aparentemente possível por volta de 1835) e como nesse exercício irá colaborar para a derruição da escada, que uma testemunha real pôde atestar vinte anos mais tarde. Dêsse modo, a verdade dos fatos é respeitada e transubstancia-se, sem violência, na verdade do romance.

Se em algum caso aquela verdade histórica terá sido sacrificada, foi provavelmente, apenas, no do anacronismo psicológico sugerido em artigo precedente, a propósito das personagens que pensariam ou reagiriam um pouco à maneira de contemporâneos do autor. Mas sacrificada a que? Não, certamente, às conveniências da intriga romanesca, pois não vejo bem como lhes possa servir esse anacronismo, porém ao que eu chamaria a paisagem transcendente da obra: a ambição do sr. Erico Veríssimo de fazer com

que, através do drama das paixões e lutas que se desenvolve ao longo de seu livro, seja possível a entrevisão do plano monumental que há de sobressair do conjunto e onde se perfilarão as raízes e os destinos de um povo. Nêsse plano, transcendente porque nem pertence efetivamente ao mundo histórico nem ao da ficção, é que se situaria o ponto arqui-médico de toda a obra. Graças a ele torna-se possível, de certo modo, assegurar-lhe aquele núcleo de composição, a inteligência central e a moldura, que em outros romances se obtém por algum artifício diverso, como, por exemplo, pela testemunha ideal das várias fases da narrativa.

AQUI, as próprias personagens vivem sua vida atual, mas alimentam, todas elas, mesmo as mais rústicas, um vago pressentimento de que estão cooperando, independentemente de seu arbítrio, na edificação de uma realidade grandiosa. De modo, que vivendo no presente, têm muitas vezes os olhos no futuro, ou postos nele, como aquele Padre Lara que ainda nos começos do vilarejo imaginário de Santa Fé — principal cenário do romance — “gostaria (à pág. 213) de poder durar tanto como Matusalem, para ver que resultados teria aquela mistura de raças, que se estava processando na Província de São Pedro”.

Não se poderá apreciar devidamente o bom êxito final de projeto tão vasto e ambicioso, antes da publicação do volume que servirá de remate e cúpula para o atual. Mas a destreza com que o autor soube vencer até agora as dificuldades dêsse projeto justificam, a seu respeito, as melhores expectativas.

Remessa de livros:
Rua Haddock Lobo, 1625 —
São Paulo.